



EDUCAR PARA OS DIREITOS HUMANOS NO SEMIÁRIDO POTIGUAR: IMPRESSÕES DE UMA PROFESSORA NEGRA COTISTA

Rayane Cristina de Andrade Gomes – UFERSA

Relatos de Experiência Internacionais e Redes de Pesquisa

1. INTRODUÇÃO

Que surpresa! Finalmente chegou a sua vez!

Comentário de uma docente no ato da minha posse como professora efetiva da Ufersa

Em fevereiro de 2024, estava em Brasília, na véspera de fazer minha primeira viagem para Cuba, e recebo um alerta que mudaria meus caminhos pelo celular. A notificação Gmail alertava: estava nomeada para tomar posse no cargo de docente do magistério superior na Universidade que me formou bacharela, a Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Dia 02 de fevereiro, dia da rainha do mar, para ser mais precisa. Mesma data em que anos atrás defendi meu mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e que marcou um ponto de inflexão na minha caminhada na educação. A correira da dissertação era para tomar posse no primeiro concurso público efetivo que assumi. A Universidade Estadual de Goiás (UEG) foi meu primeiro vínculo no magistério superior. Sobre essa passagem, tive a satisfação de ter o texto em que refleti sobre esse momento foi selecionado no I Concurso de ensaios “Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI”. Sob o título “Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil”, dou início a um processo de colocar pro papel os atravessamentos de um início de carreira desafiador.

Aqui, quero cuidar desse novo momento de meu reingresso na sala de aula. Remoro meus pontos de partida e compartilho inquietações com o campo interdisciplinar e sua absorção por concursos públicos, os desafios de provocar reflexões complexas que envolvem os problemas de direitos fundamentais com



um público estudantil pressionado pela cobrança de desempenho e atingida em cheio pelas ansiedades. Dialogo sobre impressões de avanço no conservadorismo da comunidade acadêmica e como os temas que nos propomos a discutir são questionados metodologicamente politicamente.

A frase que marcou o dia da minha posse e que abre essa introdução ficou ecoando depois em minha mente. O incômodo diz respeito a surpresa com a minha presença ali, naquele ato solene de ingresso no serviço público federal. Por que estar ali causaria espanto? Minha mente de pesquisadora negra é acionada. De fato, a minha corporeidade, os meus signos e lugar teórico-político no mundo não são comuns. E é justamente sobre essa quebra de expectativa que passo a descrever a experiência de lecionar no Semiárido potiguar, no curso de bacharelado em Direito e pensar apontamentos para redes de trabalhadores e trabalhadoras da educação como eu.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Eu esperava outra coisa.
Estudante do oitavo período

Escutei essa frase em uma visita de campo que tenho feito como estratégia metodológica das minhas disciplinas de estágio supervisionado. E a partir desse espanto, enfrento a primeira questão do relato. Os pontos de partida.

Enquanto docente da UFERSA, atuo como advogada pelo Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) em duas componentes, estágio supervisionado trabalhista e cível. Em nossa estrutura atual, sou responsável por audiências, protocolo das peças processuais, acompanhamento dos prazos e direcionamento das turmas em casos concretos e simulados. No curso, leciono a disciplina de Direitos Humanos Fundamentais, que é obrigatória na estrutura curricular de nossa graduação.

A existência dessa componente obrigatória foi fundamental para que meu título de Doutora em Direitos Humanos da UnB fosse aceito como compatível com o cargo. O evidente contraste entre o que o curso pedia em sua estrutura e



os limites do edital do concurso aparecem como uma barreira objetiva que as redes de pesquisa e pesquisadores em nosso campo tem de se atentar.

A outra questão, que me vem também da fala da estudante é algo que persegue a minha caminhada na educação. Se o meu título em Direitos Humanos causa espanto, a portadora dele, causa mais ainda ao apresentar-se diante das turmas. Espera-se homens, brancos, latim-hablantes, sérios, rígidos, distantes. Falo isso, pois a sequência da comunicação nessa visita de campo seguiu com as definições do que seria “um professor de Direito de federal”. E bom, não sou nada disso. Minha seriedade e disciplina manifestam-se de outra forma, minha carne é preta, grande e feminina. Tenho dificuldade de falar alto em sala ainda que necessário. Lutar contra o colonialismo patriarcal, capitalista e racista é tarefa que acontece para dentro, não só para fora.

Mas, assim como o título, o corpo expressa desconformidade. Afinal, para que um campo específico de Direitos Humanos? Bom, essa dúvida me persegue e tenho feito ensaios sobre ela. Sobre a autonomia do nosso campo de saber, sobre nossas metodologias e suas diferenciações. Há um texto em desenvolvimento em que estou ruminando todas essas dúvidas, associadas a um método que estou testando e desenvolvendo com minhas turmas de orientação. Ele chama-se “Escrita com sentido”. Um Google Sala de Aula que desenvolvi para meus estudantes em que estruturei três passos distintos para a redação de um texto, em que eles tem um modelo para expressar suas ideias, mas conseguem apoio para testar as metodologias de pesquisa mais plásticas possíveis.

3. RESULTADOS/APRENDIZADOS

É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar
Gilberto Gil

Como diz Gilberto Gil, não custa lembrar que mesmo visivelmente oco, qualquer espaço está preenchido. Nessa reflexão poética situo minha segunda parte da contribuição com o presente escrito. Embora convivamos em tempos



terríveis para os Direitos Humanos, que nossos estudantes estejam ansiosos, que colegas docentes e trabalhadores técnicos estejam encapsulando-se em discursos fundamentalistas religiosos, que a carreira esteja ameaça pelas propostas de “reformas administrativas”, há que não cair na armadilha da desesperança.

Tenho a oportunidade de coordenar coletivamente o Grupo de Pesquisa Leituras Críticas em Direito e Raça que tem enredado uma série de estudantes e professores das mais distintas áreas. São jovens que teimam em dizer o contrário, que a área jurídica tem cara de mulher negra, quilombola, periférica, antirracista. As pressões para que a Universidade tome mais liderança nos aspectos da promoção da igualdade racial, a mobilização do Sistema de Justiça em torno da Jornada de Direito e Raça também são elementos que associam diretamente a essa prática pedagógica engajada que o Grupo tem me ajudado a sustentar. Mobilizamos mais de 100 participantes em três intensos dias de evento, trazendo gente do Judiciário para conversar com poetas de slam. Tivemos o prestígio de ter como palestrantes estudantes de graduação e lideranças de Axé. Aos poucos o evento vem galgando seu espaço no cenário local.

Trago também a questão do método de “Escrita com Sentido” que pretendo, em breve, aperfeiçoar e disponibilizar publicamente para ajudar a desenvolver textos voltados aos Direitos Humanos partindo das minhas próprias dificuldades com a escrita acadêmica e dos aprendizados colecionados ao longo das minhas 3 décadas de vida. Assim, como diz a poesia baiana de Gil, é sempre preciso lembrar que diante das dificuldades de nosso campo é sempre possível florir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconheço que, embora a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) aponte a necessidade de as Instituições de Ensino Superior (IES) voltarem-se mais para as demandas concretas da população, que implica necessariamente em uma abordagem interdisciplinar, há resistência em entender esse campo nos processos seletivos, na distribuição de pontuação



dentro das progressões, o contexto de emparedamento da carreira docente e a construção de redes de atuação coletiva entre pesquisas e pesquisadores em Direitos Humanos.

REFERÊNCIAS

GIL, Gilberto. Copo Vazio (part. Chico Buarque). Letras. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/574305/>> Acesso em 02 de nov. de 2025.

GOMES, Rayane Cristina de Andrade. Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil. In: **CAMARGO, Murilo Silva de et al. (org.). Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022. 200 p.

NAÇÕES UNIDAS. Guterres: “**é necessário mais dinheiro**” para **implementar Agenda 2030**. 2019. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2019/04/166835>> Acesso em 02 de out. de 2025.